



INFINITUM  
ISSN: 2595-9549

Vol. 7, n. 14, 2024, 41 - 62

DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v7n14.2024.20>

---

## DISCURSIVIDADES PRESENTES EM “OS CAVALEIROS DO ZODÍACO”: uma análise do diálogo entre Máscara da Morte e Mestre Ancião

**Thiago Barbosa Soares**

Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT)/CNPq

E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

**Resumo:** Este artigo possui o objetivo de descrever e interpretar um diálogo entre dois personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), Máscara da morte, cavaleiro de ouro de Câncer, e mestre Ancião, cavaleiro de ouro de Libra, no episódio trinta e nove da animação. Para a realização desse exame, cria-se duas seções estruturantes para alcançar esse objetivo, a primeira, intitulada *Considerações teórico-metodológicas*, na qual se faz um recenseamento dos principais operadores instrumentalizados pela Análise do Discurso arqueogenealógica, como discurso, enunciado, formação discursiva e episteme. Na segunda, *Considerações analíticas: uma dialética do óbvio*, empregam-se os elementos expostos anteriormente para se realizar uma leitura verticalizada do objeto desta investigação. Como resultados encontrados, tem-se a verificação do funcionamento das formações discursivas conservadora e revolucionária, de mestre Ancião e Máscara da Morte, respectivamente, orientando os enunciados conforme as epistemes moralista e relativista presentes no enquadramento social do diálogo.

**Palavras-chaves:** Análise do Discurso. Cavaleiros do zodíaco. Máscara da Morte. Mestre Ancião.

---

## DISCURSIVITIES PRESENT IN “SAINT SEIYA”: an analysis of the dialogue between Master Elder’s Death Mask

**Abstract:** This article aims to describe and interpret a dialogue between two characters from “Saint Seiya” (Kurumada, 1986), Mask of Death, the golden knight of Cancer, and Master Elder, the golden knight of Libra, in episode thirty-nine of animation. To carry out this examination, two structuring sections are created to achieve this objective, the first, entitled *Theoretical-methodological Considerations*, in which a census is made of the main operators instrumentalized by archaeogenealogical Discourse Analysis, such as discourse, utterance, discursive formation and episteme. In the second, *Analytical*



*considerations: a dialectic of the obvious*, the elements exposed previously are used to carry out a vertical reading of the object of this investigation. As results found, we have verified the functioning of the conservative and revolutionary discursive formations, of Death Mask and Elder Master respectively, guiding the statements according to the moralist and relativist epistemes present in the social framework of the dialogue.

**Keywords:** Discourse Analysis. Saint Seiya. Death Mask. Elder Master.

---

## DISCURSIVIDADES PRESENTES EN “LOS CABALLEROS DEL ZODIACO”: un análisis del diálogo entre la máscara de la muerte y maestro anciano

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo describir e interpretar un diálogo entre dos personajes de *Los Caballeros del Zodíaco* (Kurumada, 1986), La Máscara de la Muerte, el caballero dorado de Cáncer, y el Maestro Anciano, el caballero dorado de Libra, en el episodio treinta y nueve de animación. Para realizar este examen se crean dos apartados estructurantes para lograr este objetivo, el primero, titulado *Consideraciones teórico-metodológicas*, en el que se censan los principales operadores instrumentalizados por el Análisis Arqueogenealógico del Discurso, tales como discurso, enunciado, formación discursiva y episteme. En el segundo, *Consideraciones analíticas: una dialéctica de lo obvio*, se utilizan los elementos expuestos anteriormente para realizar una lectura vertical del objeto de esta investigación. Como resultados encontrados, verificamos el funcionamiento de las formaciones discursivas conservadora y revolucionaria, del Maestro Anciano y Máscara da Morte respectivamente, orientando los enunciados según las epistemes moralistas y relativistas presentes en el marco social del diálogo.

**Palabras clave:** Análisis del Discurso. Caballeros del Zodíaco. Máscara da Muerte. Maestro Anciano.

---

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Faz algum tempo desde que séries, animes e mangás<sup>1</sup> foram incorporados do Japão à cultura ocidental. No Brasil, isso não foi diferente. Na programação da extinta rede de televisão Manchete, iniciou-se a apresentação de Tokusatus<sup>2</sup> e desenhos animados, baseados em mangás, como, por exemplo, *Os Cavaleiros do Zodíaco*

---

<sup>1</sup> De acordo com Caetano, “A origem do mangá remonta ao período feudal no Japão, mais precisamente a época do Oricom Shohatsu (Teatro das Sombras), no século XVII. Os artistas percorriam vilarejos contando lendas por meio das sombras de marionetes projetadas em uma espécie de painel” (CAETANO, 2022).

<sup>2</sup> Gênero de seriado cujo protagonista detinha superpoderes quando usava seu traje para combates seus adversários, que representavam o mal.



(Kurumada, 1986), *Sailor Moon* (Takeuchi, 1992) e *Yu Yu Hakusho* (Togashi, 1992), entre outros, com tramas distintas, mas, invariavelmente, com a luta primeva entre o bem contra o mal como seu núcleo semiótico. Os enredos dessas narrativas, inteirados com suas sonoplastias características, provavelmente foram as primeiras estórias a cativar muitas crianças do final do século XX. Nesse horizonte, um tanto quanto nostálgico para muitos, tem-se uma profícua matéria de investigação acerca de discursos dispersos nos meios de entretenimento.

Para se compreender melhor a ideia anterior, é necessário partir do pressuposto segundo o qual há, no interior das produções da indústria cultural (Adorno, Horkheimer, 1985), uma disseminação de valores, ideologias, logo, há, conseqüentemente, aprendizagem, em alguma medida, por aqueles que consomem animes, séries, livros, entre outros bens artísticos de grande circulação. Há uma hipótese do letramento midiático (Soares, 2024) que prevê o desenvolvimento da dispersão de saberes locais e globais, servindo para instruir telespectadores. Nesse mesmo direcionamento, Rowlands afiança: “Talvez nem tudo o que eu sei eu tenha aprendido com a TV, mas uma boa parte, sim” (Rowlands, 2008, p. 13). O mesmo autor vai além para asseverar: “Nós não precisamos mais ir até a praça do mercado para filosofar. A TV faz isso por nós, no conforto de nossas próprias casas” (Rowlands, 2008, p. 13). Não é exagero enunciar o que foi dito, tampouco complementar afirmando que as séries, filmes, mangás são artefatos capazes de ensinar, sobretudo quando mobilizam saberes verificados no mundo concreto.

O universo de disseminação de informação, que é produzido e divulgado pela grande mídia e suas plataformas digitais, faz com que a ‘propagandização’ da cultura permita com que as diferenças entre informar e entreter sejam meandros técnicos e funcionais da sua construção discursiva (Soares, 2022) já pouco visíveis e participantes, com atuação condicionante, no circuito coletivo no qual se encontram. Em vista desse quadro contemporâneo, estudar obras produzidas pela indústria cultural (Adorno,



Horkheimer, 1985) para, além de empreender uma reflexão qualificada de noções e conceitos, dentre os mais diversos, compreender parte integrante do funcionamento da sociedade hodierna parece fazer todo o sentido, pois essas são, por sua enorme capilaridade, não apenas um espelhamento, são também um modulador, para não dizer um modificador, dos valores e comportamentos presentes nos sujeitos. Desse modo, seriados como *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986) podem trazer informações valiosas quanto à constituição dos discursos circulantes no espaço social.

Diante do delineamento traçado acima, levanta-se a propositura, para este artigo, de descrever e interpretar um diálogo entre dois personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), Máscara da morte, cavaleiro de ouro de Câncer, e mestre Ancião, cavaleiro de ouro de Libra, no episódio trinta e nove. Para a realização desse exame, cria-se duas seções estruturantes para alcançar esse objetivo, a primeira, intitulada *Considerações teórico-metodológicas*, na qual se faz um recenseamento dos principais operadores instrumentalizados pela Análise do Discurso arqueogenealógica, como discurso, enunciado, formação discursiva e episteme. Na segunda, *Considerações analíticas: uma dialética do óbvio*, empregam-se os elementos expostos anteriormente para se realizar uma leitura verticalizada do objeto desta investigação. Por fim, nas *Considerações finais*, são apresentados e discutidos, conforme a orientação proposta pelos contornos deste texto, os mais relevantes pontos deste estudo.

## CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Aqui, conceitos determinantes para a compreensão do quadro interpretativo empreendido neste artigo, como discurso, enunciado, formação discursiva e episteme, são apresentados conforme a matriz arqueogenealógica, desenvolvida por Foucault em alguma de suas obras, com vistas a atingir a propositura traçada de descrever e interpretar um diálogo entre dois personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada,



1986), Máscara da morte, cavaleiro de ouro de Câncer, e mestre Ancião, cavaleiro de ouro de Libra, no episódio trinta e nove da referida série animada. A partir desse horizonte traçado segundo o qual se tem o objeto devidamente delineado e o aparato teórico metodológico expressamente desenhando, cabe destacar que uma análise discursiva, dada sua natureza crítica, desloca os sentidos de seu confortável âmbito “comum” para examinar precisamente a configuração e constituição desses mediante um rigoroso emprego de operadores de interpretação que, para este texto, foram eleitos: enunciado, formação discursiva e episteme.

Feitos os aviamentos essenciais acerca do aparato a ser posto em marcha, volta-se a um ponto crucial para a investigação qualitativa do conteúdo mencionado. Para ser possível o empreendimento de toda e qualquer análise do discurso é necessário, antes de qualquer movimento, a discriminação do que é discurso. O primeiro passo para tanto é afastá-lo da fala, que comumente é usada em pronunciamentos, como um elemento isolado e mesmo individualizado, como espelho psicológico do sujeito que o emprega. Em outros termos, a fala participa do discurso, porém o faz como um recorte, de modo a reproduzir sentidos e, por suas características perceptivelmente circunscritas ao falante, faz parecer que o que se diz é precisamente o que vai ao encontro de vontades e desejos de quem o diz. Não é que não possa ser assim, mas nem sempre, para não dizer quase nunca, é-o, pois, se assim o fosse, não haveria mentiras. O que se exprime sobre a fala, sobre o discurso, vale para a escrita, já que tanto uma quanto a outra são registros da língua, materialidade comunicante de formas representativas convencionadas coletivamente.

Em vista do desenlace inicial e do projeto epistemológico ao qual este artigo está vinculado, o discurso configura-se por relações de saber e poder que, por mais que possam ser rastreadas, são anônimas em sua origem e, por extensão, engendra sentidos cuja virtualidade recobra o circuito social em sua totalidade. Nesse direcionamento explicativo, Foucault (2009) assevera: “A formação regular do discurso pode integrar,



sob certas condições e até certo ponto, os procedimentos do controle (é o que se passa, por exemplo, quando uma disciplina toma forma e estatuto de discurso científico)” (Foucault, 2009, p. 65). Ora, o discurso, como uma matéria que toma corpo na medida que formata um conjunto de práticas sociais, volta-se à manutenção de saberes, ligados a formas de poder, que abrangem o próprio funcionamento do circuito coletivo, haja visto que, segundo Foucault (2017), “O poder está em toda a parte; não porque engloba tudo e sim porque provém de todos os lugares” (Foucault, 2017, p. 88).

Discurso, saber e poder são constituintes integrantes dos sentidos cuja manifestação é possível de ser observada em praticamente todos os objetos culturais, como em um diálogo entre dois personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Nas próprias palavras de Foucault (2012), o discurso é “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2012, p. 131). O enunciado, que se integra a uma determinada formação discursiva, possui uma configuração discursiva, isto é, para Kremer-Marietti (1977), embasada no método arqueogenealógico, “A função do enunciado – já que ele é essencialmente função – não é fazer aparecer um referente nem um sentido” (Kremer-Marietti, 1977, p. 121). A autora adiciona o seguinte comentário elucidativo: “o enunciado é mais que um conjunto de signos reunido há um suporte material; eles supõem definições, regras, convenções de escrita” (Kremer-Marietti, 1977, p. 122). Por sua vez, Deleuze (2017) anuncia acerca do enunciado: “este tem um objeto discursivo que não consiste, de modo algum, num estado de coisas visado, antes deriva, pelo contrário, do próprio enunciado” (Deleuze, 2017, p. 19-20). Nesse direcionamento elucidativo, Deleuze assevera: “O enunciado é em si mesmo repetição, embora aquilo que repita seja outra coisa, que, porém, lhe pode ser estranhamente semelhante quase idêntica” (Deleuze, 2017, p. 25).

Tal como visto, o enunciado é um produto das relações de sentido que existem no interior do circuito social, já que se torna outra possibilidade de associações de saber



e poder. Esse movimento, que se dá no funcionamento do discurso, pode ser percebido e investigado em praticamente todos os artefatos culturais, como em uma obra de ficção animada, no caso deste artigo, em um diálogo presente em *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Todavia, para entender o processo de constituição do enunciado requer-se a compreensão descritiva da formação discursiva, cujo funcionamento abarca um conjunto de incontáveis enunciados sob uma mesma jurisdição de sentidos, ou seja, a formação discursiva, como delineada pela ótica arqueogenealógica, orienta a circunscrição dos enunciados de acordo seus respectivos sentidos, respeitando as condições nas quais são produzidos e disseminados.

Acerca da formação discursiva e seu sistema de otimização, Foucault (2012) afiança que “Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam” (Foucault, 2012, p. 86-87). Ele, para verticalizar essa perspectiva sobre a formação discursiva, diz: “em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações” (Foucault, 2012, p. 87). Portanto, a formação discursiva possui, entre outras características que incidem na organização do enunciado, a conformação às relações de poder envolvidas na produção dos sentidos nela entrecruzadas. Assim, apreende-se a imbrincada propriedade da formação discursiva, cujo endosso de Foucault (2012) assevera que “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, (...) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...)” (Foucault, 2012, p. 43; grifos do autor).

Diante do enquadramento postulado acima, traz-se a formação discursiva para o em torno segundo o qual se verifica não apenas o conteúdo presente nos enunciados, encontrados no diálogo entre *Máscara da Morte* e mestre Ancião, mas, sobretudo, os sentidos adjacentes que lhe permitem sustentação e, conseqüentemente, a construção de uma rede discursiva cuja verdade interpretativa encontra-se vinculada ao saber,



essa é a episteme. De maneira um tanto quanto incipiente, a episteme pode ser descrita como um conjunto de crenças, cuja ocorrência dá-se a partir de sentidos estruturantes dos dispositivos que orientam as formações discursivas e materializam-se nos enunciados circulantes na sociedade. Acerca da episteme, Foucault (2007) diz: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática” (Foucault, 2007, p. 230).

Com a linha traçada no horizonte deste artigo, pode-se afirmar que a episteme liga-se ao saber, plasmado, mediante o emprego de práticas de poder, na constituição dos enunciados existentes nas diversas formações discursivas, arregimentadas pelos mais variados dispositivos. Em vista dessa configuração, é possível asseverar que a episteme de uma dada época contém saberes, e suas múltiplas relações de poder implicadas, cujo desdobramento interpretativo é o quadro funcional ou a partitura do circuito social ao qual faz alusão. Em outras palavras, a episteme, por sua complexidade inerente à performance da coletividade, trata-se da própria ancoragem heurística de sentidos vigentes, recortados segundo tempo, espaço e demais processos históricos de produção de saberes. No caso do objeto desta análise, possivelmente duas epistemes estão em confronto, embora uma seja a mais “correta” e adequada aos valores condicionantes da coletividade, a outra pode possuir maior força explicativas de fatos historicamente construídos.

Com o objetivo de explicitar a relação entre a episteme e a formação discursiva, na qual os enunciados funcionam ativamente, traz-se para este recenseamento teórico-metodológico três concepções de língua que, ilustrativamente, referem-se às três epistemes relativamente distintas. Uma primeira é a de espelhamento do mundo, na qual, segundo Soares (2023a), “A língua, no interior dessa concepção, serve para representar o mundo, o pensamento e o conhecimento” (Soares, 2023a, p. 176). A partir dessa episteme emergem formações discursivas cuja retratação dos objetos e sujeitos





reflete seu núcleo, a língua como reprodução “fidedigna” do mundo. Outra episteme reguladora de sentidos acerca da língua, conforme explica Soares (2023), “é a de instrumento de comunicação. A língua, então, é percebida como um código com o qual um emissor comunica a um receptor mensagens” (Soares, 2023a, p. 176).

Essa episteme, ainda em vigor, fundamenta a conexão entre os elementos da comunicação e, conseqüentemente, desses com a criação dos sentidos, de modo que as formações discursivas ancoradas em sua – eis a necessidade de uso de uma expressão foucaultiana precisa para esta explicação – “vontade de verdade” expressam, em maior ou menor medida, tal episteme. Por fim, a terceira concepção de língua dirige-se ao entendimento dessa como ação na sociedade, que é integrante da episteme segundo a qual o uso da língua é o próprio desempenho do sujeito em seu meio. Portanto, apresentadas as noções de discurso, enunciado, formação discursiva e episteme, na ordem orgânica que melhor coube à estrutura argumentativo-metodológica deste artigo, passa-se à seção seguinte de descrição e interpretação.

## CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS: UMA DIALÉTICA DO ÓBVIO

Demonstradas as devidas conceituações que subsidiam o movimento analítico aqui empreendido, chega-se ao momento de apresentação das condições necessárias de emergência do objeto eleito para exame, isto é, um diálogo entre dois personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), Máscara da Morte, cavaleiro de Câncer, e mestre Ancião, cavaleiro de Libra. Esse anime, tendo seu início no Japão em 1986, com a idealização de Masami Kurumada, torna-se na década de 1990, no Brasil, um dos maiores ícones da cultura de entretenimento nipônica, sendo reprisado inúmeras vezes na antiga rede Manchete de TV. Com um horário de exibição variando entre 18:30 e 19:00, de segunda a sexta, *Os Cavaleiros do Zodíaco*, com suas batalhas épicas, suplementadas por conversas de naturezas distintas, que tratavam de amizade,



lealdade, bravura, além das mais tocantes referências à dicotomia entre bem e mal, possuíam uma sonoplastia cativante.

Diante das contextualizações de nível global, cabem as de nível mais local, vinculadas à própria emergência da reunião entre Máscara da Morte e mestre Ancião, extraída do episódio televisivo 39 de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), com um minuto e meio aproximadamente de duração, porquanto é dessa que se tem a conversa a ser analisada mais adiante. O cavaleiro de Câncer vai ou encontro do discípulo do cavaleiro de Libra para enfrentá-lo. Após derrubar seu adversário, Máscara da Morte vai até mestre Ancião e diz-lhe algumas palavras e recebe, em troca, outras. Quando o canceriano prepara-se para agir, outro colega chega ao lugar da contenda, Mú, cavaleiro dourado de Áries. Assim, aquele, por estar em desvantagem, foge. Feita essa necessária descrição conjuntural, encontra-se, abaixo, o diálogo entre os dois cavaleiros de ouro, objeto de descrição e interpretação deste artigo, identificados como MDM, Máscara da Morte, e como MA, mestre Ancião.

MDM: Parece que o senhor está pronto para morrer, mestre Ancião. O senhor traiu o santuário e vai pagar por isso?

MA: Eu traí? O Ares que mandou você vir aqui se livrar de mim? Ele é quem pretende matar a Athena e dominar o santuário, o traidor é ele.

MDM: E daí, mestre Ancião...hun... hun...

MA: E daí? Pensei que os cavaleiros que juraram lealdade ao mestre não soubessem da sua trama maligna, mas você sabe muito bem que Ares é uma pessoa cruel e, contudo, continua fiel a ele.

MDM: Por favor, as definições de justiça mudam com o passar do tempo. Isso é uma coisa que a história já provou. O que Ares pretende fazer agora pode ser diabólico, mas, vencendo, ele será o justo. Ou seja, mestre, o errado pode se tornar o certo. Se o senhor perder o injusto passa a ser o senhor. Está entendendo, mestre Ancião?

MA: Seu tolo!

MDM: O que disse?

MA: A injustiça nunca se torna justa. E a própria história humana que prova que isso é verdade. Os impérios que possuíam exércitos poderosos foram derrotados e sumiram do fluxo da história. Esse é destino das forças do mal. O mal nunca deixará de ser o que é.

MDM: É...ér...



MA: E o bem é uma coisa que não muda por mais que o tempo passe. Ninguém pode alterar essa verdade nesta grande correnteza da vida (Kurumada, 1986).

Pode-se afirmar, sem muito discutir, que há um tom filosófico no diálogo; há também uma dose de moralismo por parte de um dos debatedores. Antes mesmo do quadro teórico abrir-se para o desenvolvimento de quaisquer reflexões, cabe circunscrever a cena e seus participantes, conforme a própria disposição feita na animação. Nesse direcionamento, Máscara da Morte, cavaleiro de ouro de Câncer, é fiel ao santuário, governado por Ares, regente de Athena, que, por sua vez, tem um plano para usurpar o poder dessa última. Mestre Ancião, cavaleiro de ouro de Libra, tem lealdade apenas à Athena e, por essa razão, não segue as ordens vindas de Ares. Eis que a dicotomia bem e mal são refletidas, mas não sem profundas operações de sentidos, na conversa que os dois, MDM e MA, têm, no entanto, ambos parecem carregar a certeza de estar corretos em seus posicionamentos. Um por acreditar que Ares, ao vencer a Athena e seus apoiadores, vai estar certo; outro por defender que o outro está errado e, por tal perspectiva, ele não poderá vencer.

Ao tomar a conversa acima pelo viés de sua discursividade, tem-se dois grandes discursos morais sobre o bem e o mal, repousando nos enunciados de MDM e MA, cada um sustenta uma formação discursiva antagônica a outra, de maneira a produzir um embate entre as epistemes nas quais ancoram tais sentidos. É importante compreender que as relações de poder estabelecidas por dois cavaleiros de ouro, cujas forças, em tese, equivalem-se, por tal critério, tem-se uma paridade entre eles, todavia, um é muito mais velho do que o outro, caso de MA para com MDM, o que cria um efeito de saber maior acerca da moral. Máscara da Morte é quem confronta, mestre Ancião é, então, o ator passivo do quadro semiótico da cena, o que confere a ele certo poder de espera, poder de reação e, conseqüentemente, poder de antecipar-se no que dizer. Assim, o estabelecimento entre o poder-saber, entre MDM e MA, fica



desequilibrado, já que o primeiro padece de seu posicionamento negativo, em sentido semiótico<sup>3</sup>, ao passo que o segundo é beneficiado pela positividade.

Máscara da Morte, em sua produção enunciativa, declara que uma traição, como a imputada à mestre Ancião, deve ser paga com a morte. Mestre Ancião, por sua vez, enuncia que não cometeu nenhuma infração, quanto ao seu serviço à Athena, e assevera que seu opositor é quem está cometendo traição. Aqui, considera-se que tudo o que foi dito por cada um dos personagens compõe dois blocos de enunciados linguisticamente concretos e discursivamente analisáveis. O enunciado de MDM, que se volta para uma formação discursiva específica, e o enunciado de MA, cuja formação discursiva é uma antípoda da de seu debatedor. Como o enunciado, segundo a perspectiva arqueogenealógica é uma função (Kremer-Marietti, 1977; Deleuze, 2017) desencadeadora de sentidos, orientados por uma dada formação discursiva, deve-se considerar, para fins descritivo-analíticos, o enunciado de MDM, acerca de sua missão e suas consequências, um fio da formação discursiva revolucionária; já o enunciado de MA, deve ser observado sob a ótica da formação discursiva conservadora.

Para fins didáticos e, por conseguinte, para deixar o mais explícito possível o que se entende aqui como formação discursiva revolucionária e formação discursiva conservadora, é imprescindível comprometer-se com a descrição conceitual segundo a qual o sistema de dispersão de enunciados volta-se para seu núcleo arregimentador para, dessa maneira, ser individualizado (Foucault, 2012), o que, neste caso, é uma formação discursiva de uma orientação e sua contrapartida. Como MDM, mediante seu enunciado, integra o discurso da mudança, radicalizada através de uma perspectiva revisionista do futuro para com o passado, ou melhor, dos meios justificados pelos fins, pode ser apontado como um ator revolucionário diferentemente

---

<sup>3</sup> Nesse caso, em especial, emprega-se a expressão “em sentido semiótico” para explicitar a necessária contradição percebida pela via de estudo semiótico sobre o texto literário, porém essa locução pode ser aplicada a diferentes semioses. Para ver mais sobre esse assunto, consultar: “Primeira revisão da Semiótica Arquetípica: aspectos teóricos e metodológicos” (Soares, 2023b).



de seu oponente. MA, por sua quase inatividade e seu enunciado repleto do efeito de ratificação do status quo, volta-se ao discurso da estabilidade, portanto, enreda-se pelo conservadorismo das relações de força já existentes.

Esta oposição simétrica inspira-se na origem histórica dos termos, usados pela primeira vez na reunião dos Estados Gerais franceses para designar as duas alas de parlamentares que dirigiriam suas reivindicações ao monarca, a revolucionária solicitando a instauração de novos direitos, a conservadora a defesa dos direitos adquiridos e tradicionais. Ora, a discursividade de tais formações discursivas mantém-se, *mutatis mutandis*, até o momento, já que, para além do caráter estritamente político de gestão dos negócios públicos, as duas posições são produtoras de sentidos, valores e comportamentos relativamente distintos no circuito social do qual fazem parte. Tal observação pode ser constatada na relação de saberes envolvidos nos enunciados de Máscara da Morte e mestre Ancião, porque cada um desses dois mobiliza o saber de sua formação discursiva para postular a relação de poder e suas dissimetrias constitutivas como auto evidentes. É com tal norte no horizonte de cada uma das formações discursivas que se estabelece uma diferenciação acerca do que é justiça para cada uma.

O enunciado de Máscara da Morte, engendrado pela formação discursiva revolucionária, cria a justiça como uma condição posterior de verificação da história, isto é, ao reavaliar os atos, esses serão levados em consideração pelos seus benefícios e, conseqüentemente, poderão ser bons ou ruins, conforme o resultado alcançado. Sob esse ângulo, percebe-se que o efeito coevo de uma compreensão relativa da justiça fortalece relações de saber flutuantes nos jogos de poder e, como elucida Soares (2023a), a instauração do relativismo contribui para “um dos derivados da construção social da verdade e suas leituras, respondem ao esgarçamento da interpretação segundo o relativismo concorrente com notícias, talvez verdadeiras (Soares, 2023a, p. 181). Na esteira interpretativa arqueogenealógica do discurso, pode-se denominar o

relativismo como um mecanismo fundamentado na formação discursiva revolucionária que, por seu traço inerentemente mutável de acordo com as circunstâncias, constitui um determinado regime de saber, uma episteme.

O cavaleiro de ouro de Câncer deixa ver uma série de elementos em uma sequência linguística na qual ele afirma: “as definições de justiça mudam com o passar do tempo. Isso é uma coisa que a história já provou. O que Ares pretende fazer agora pode ser diabólico. Mas, vencendo, ele será o justo. Ou seja, mestre, o errado pode se tornar o certo”. As relações de poder estabelecidas na formação discursiva revolucionária são capazes de subverter a ordem do saber para implantar um novo saber a partir da força, segundo uma perspectiva em que a justiça possui valor retroativo e, desse modo, podendo ser injusta quando aplicada para ser concebida no futuro como justa. O enquadramento funcional do enunciado de Máscara da Morte permite não apenas a individualização da formação discursiva, como um processo interpretativo baseado em seus orientadores de sentido, mas, sobretudo, autoriza a indicialização de sua episteme fundante (Foucault, 2007). Em vista do projeto discursivo dos dois cavaleiros, cada um possui uma episteme, assim como cada qual, mediante a produção de seu enunciado, insere-se numa formação discursiva distinta.

Se para Máscara da Morte o mecanismo discursivo relativista pode ser empregado ao sabor das vontades dos mais fortes ou dos vencedores, mestre Ancião prevê, com base no mecanismo da estabilidade das relações de saber-poder, um bem que é o responsável pela justiça e um mal que é a implementação da falta dela. O embate é entre as formações discursivas conservadora e revolucionária cujos núcleos epistêmicos são, respectivamente, a linearidade e a relatividade (mutabilidade). Ao abordar esses projetos de saber que validam o discurso (Foucault, 2007), estabelecem seus próprios conjuntos de verdades e fundam processos de apagamentos, tem-se comumente um como sendo o legítimo em uma determinada época, mesmo que isso não seja tão perceptível quanto devesse ser. Nesse direcionamento, a historicidade



(Orlandi, 2012) presente na episteme relativista<sup>4</sup>, materializada no enunciado de Máscara da Morte e inscrita na formação discursiva revolucionária, cria a ruptura com a episteme moralista, na qual a formação discursiva conservadora ancora-se e reproduz-se no enunciado do mestre Ancião.

Para desenvolver com maior precisão elucidativa a ligação que as epistemes representadas pelos dois cavaleiros de ouro, a noção de discurso social auxilia na medida que, segundo Angenot, “El discurso social: todo lo que se dice y se escribe en un estado de sociedad, todo lo que se imprime, todo lo que se habla públicamente o se representa hoy en los medios electrónicos” (Angenot, 2012, p. 21)<sup>5</sup>. Em outros termos, a episteme relativista e a conservadora estão disseminadas no discurso social, porém apenas a última possui certa legitimidade, como é possível ler e perceber na cena na qual mestre Ancião explica seu argumento e parece encurralar o cavaleiro de Câncer com um truísmo. Importa compreender a relação de predominância de um projeto epistêmico em detrimento do outro. Do mirante segundo o qual descreve Angenot (2012), para fundamentar o discurso social, verifica-se no consenso um dos liames da sociedade, mesmo que nela existam discordâncias frequentes.

As relações de saber e poder atuantes no circuito coletivo ensejam uma série de enunciados e formações discursivas que excluem suas contraditórias justamente por orientação da episteme, essa, por sua vez, instala-se no discurso social como seu núcleo, se eleita para isso pelos próprios mecanismos de poder distribuídos ao longo da estrutura comunitária, rechaçando suas concorrentes. Por essa razão, a cobertura da episteme alcança praticamente todos os processos informacionais, bem como

---

<sup>4</sup> Emprega-se, a título didático, o nome de episteme relativista para individualizar um regime de saber que faz a utilização do mecanismo discursivo do relativismo em praticamente todas as suas relações de poder, ao passo que se denomina episteme moralista um regime de saber cuja manutenção de praticamente todas as relações de poder é buscada.

<sup>5</sup> Em tradução livre: “O discurso social: tudo o que é dito e escrito em um estado de sociedade, tudo o que é impresso, tudo o que é divulgado ou representado hoje nos meios eletrônicos”.

afiança Angenot (2012): “El discurso social es el medio obligado de la comunicación y de la racionalidad histórica, así como también es, para algunos, un instrumento de prestigio social, del mismo nivel que la fortuna y el poder” (Angenot, 2012, p. 61)<sup>6</sup>. Ora, não é estranho que o conjunto de dizeres de Máscara da Morte seja repudiado pelo conjunto de seu oponente, um idoso que recorre ao “senso comum” para tratar de justiça e de moralidade.

A contraposição do enunciado do cavaleiro de Câncer é feita pelo enunciado do cavaleiro de Libra, em um movimento dialético no qual uma tese gera sua antítese, cujo choque é de duas formações discursivas, uma revolucionária, na qual a mudança acarreta consequências retroativas para justificar ações, e outra conservadora, na qual a estabilidade dos sentidos é a previsão norteadora dos comportamentos. Essas discursividades antagônicas, representadas pelos posicionamentos de MDM e MA, são subsidiadas por epistemes (Foucault, 2007) suficientemente fortes para ganhar circulação no discurso social. Mais precisamente, a episteme na qual a formação discursiva conservadora, de mestre Ancião, projeta o saber-poder moralista em seus sentidos, por valorar uma estabilidade do que é o bem e do que é o mal e suas necessárias consequências como repercussão de seus respectivos empregos. Em vista de tal funcionamento, a episteme relativista, encarnada na formação discursiva revolucionária, de Máscara da Morte, imprime seu saber-poder relativista, simbolizado no circuito coletivo como a ótica da construção social.

Quanto ao relativismo sistematicamente utilizado pela formação discursiva revolucionária, Pluckrose e Lindsay (2021) afiançam: “Acredita-se que a verdade e o conhecimento foram construídos pelos discursos dominantes e jogos de linguagem que operam no interior de uma sociedade” (Pluckrose; Lindsay, 2021, p. 39). No horizonte dessa exposição, a episteme relativista, valendo-se da formação discursiva

---

<sup>6</sup> Em tradução livre: “O discurso social é o meio obrigatório da comunicação e da racionalidade histórica, assim como também é, para alguns, um instrumento de prestígio social, do mesmo nível que a fortuna e o poder”.



revolucionária, é propagada por parte do enunciado de Máscara da Morte que afirma “as definições de justiça mudam com o passar do tempo. Isso é uma coisa que a história já provou” com acertada razão, pois, se o que ele disse não encontrasse lugar cativo nos anais da história humana, ainda se viveria sob a égide predominantemente religiosa, inquisições seriam comuns, queimar pessoas não soaria estranho, escravizar seria habitual, além de um incontável número de outras práticas que hoje são consideradas injustas. Em outras palavras, o cavaleiro de Câncer, por meio de seu enunciado, encontra na própria interpretação contemporânea dos fatos históricos a aderência de seu argumento, advindo do mecanismo de relativização discursiva da moral e da justiça.

Eis que a episteme moralista, cuja base é a conservação de valores linearizados no tempo e espaço, sofre da falta de ancoragem na compreensão da mutabilidade histórica das relações de saber e de poder, que não são sempre as mesmas, mas que, fundamentalmente, estão presentes na disposição dos elementos constitutivos do circuito coletivo. Em função dessa lacuna histórica, a argumentação do cavaleiro de ouro de Libra sofre, por mais que isso não seja perceptível antes de um processo analítico, da ausência de lastro com a realidade experienciada por quem reflete as teias de poder e suas conexões com as redes de saber. Frente ao expressivo poder persuasivo do argumento presente na formação discursiva conservadora, expressão da episteme moralista, tem-se, no interior do discurso social (Angenot, 2012), a convergência para o discurso unificante da moral<sup>7</sup> cuja dependência da anuência dos participantes do circuito coletivo, sobretudo daqueles que legislam, executam e julgam as leis, faz com que seja uma possibilidade representacional do estado das coisas encontradas no cotidiano, mas nada muito além disso.

---

<sup>7</sup> Tose e Warmke entendem, por meio de um rastreamento social do virtuosismo moral que pode ser lido, aqui, como parte de um todo complexo do funcionamento coletivo, “Por “discurso moral” nós entendemos toda a comunicação que trata de questões morais – tópicos como justiça, direitos humanos e, de modo geral, quem é bom em termos morais e o que deve ser feito” (Tose; Warmke, 2021, p. 20; aspas dos autores).



Visto que há entre os posicionamentos de Máscara da Morte e mestre Ancião a discrepância possível no discurso social, verifica-se que a episteme moralista, na qual a formação discursiva conservadora do cavaleiro de Libra, é a responsável por validar a verdade do enunciado segundo o qual “A injustiça nunca se torna justiça” e “O mal nunca deixará de ser o que é”, que se opõe à formação discursiva revolucionária, projetada pela episteme relativista. É importante destacar que, mesmo que isso possa ter sido percebido intuitivamente pelo leitor, a discursividade produzida pelo mestre Ancião é justamente a aceita no circuito coletivo, não apenas em um momento histórico, entretanto isso faz com que haja uma distorção de percepção das relações de poder, já que, se todos são “obrigados” a crer que a ordem dos valores é imutável, não o sendo, há uma deformação da compreensão de tal configuração.

O diálogo entre os dois cavaleiros de ouro, Máscara da Morte e mestre Ancião, em *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), carrega mais do que duas visões distintas do mundo e do funcionamento da sociedade, ele simboliza o vanguardismo da episteme moralista espalhada nos mais difusos meios de comunicação e entretenimento para expandir sentidos já circulantes no discurso social (Angenot, 2012), ao mesmo tempo que apresenta uma episteme relativista, envolta em sua formação discursiva revolucionária, enunciando as mudanças de paradigma conforme quem as possa colocar em marcha. Portanto, Máscara da Morte pode estar, no enquadramento semiótico da cena, errado, todavia, conforme os próprios movimentos de saber e poder ao longo da costura da história, mestre Ancião equivoca-se, com a sabedoria do tempo de sua existência, que reflete a vastidão da cronologia de uma vida, pois dá azo a efetividade do que Nietzsche ironicamente afirma: “Não há o que objetar a esse modo de erigir um ideal, exceto talvez que as aves de rapina assistirão a isso com ar zombeteiro, e dirão para si mesmas: nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós a amamos” (Nietzsche, 1998, p. 36).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de descrever e interpretar um diálogo entre dois personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), Máscara da morte, cavaleiro de ouro de Câncer, e mestre Ancião, cavaleiro de ouro de Libra, no episódio trinta e nove da animação, este artigo tomou por operadores analíticos, de matriz teórico-metodológica arqueogenealógica, o enunciado, a formação discursiva e a episteme no quadro de uma investigação discursiva para alcançar a proposição delineada em seu horizonte norteador. Após traçar os meandros encontrados entre os enunciados, as formações discursivas e as epistemes, e suas respectivas distinções qualitativas, pode-se asseverar o cumprimento da tarefa planejada segundo a perspectiva firmada para tanto. Nesse empreendimento, encontrou-se uma série de pontos importantes, que, alguns entre esses, encontram-se sintetizados adiante.

Os enunciados, tanto de um quanto do outro personagem, por figurarem circunscritos ao registro escrito da língua, não estabeleceram quaisquer obstáculos ao exame da formação discursiva. Essa, por ser diversa na produção enunciativa de Máscara da Morte e de mestre Ancião, formata um recuo dialético entre a formação discursiva revolucionária e a formação discursiva conservadora. Cada uma, na expressão perfilada de sentidos e valores, apresentou a validação de uma episteme diferente, como projetos de efeitos de verdade sobre a representação do mundo. Em termos muito mais resumidos, o cavaleiro de ouro de Câncer performatiza a episteme cujo principal mecanismo discursivo é a relativização, já o cavaleiro de ouro de Libra atua segundo a episteme moralista cuja base de aderência repousa-se no próprio discurso social. Eis que se percebe mestre Ancião como o detentor da verdade inexorável, porém é Máscara da Morte quem descreve o funcionamento da construção histórica da justiça e, por conseguinte, do bem e do mal.



Quando se tem na alça de mira uma investigação como a desenvolvida aqui, não se trata de um simples certo ou errado ou mesmo de uma convencional interpretação de uma conversa cujas posições são antagônicas, antes, trata-se de um exame das relações de saber-poder que modulam não apenas o circuito coletivo no qual os sentidos são produzidos e difundidos. Também não se pretende a fortuita escolha de um lado para levantar críticas dialógicas acerca de temas pulsantes, ou obliterados no cenário das ciências humanas, ou das diversas vertentes da filosofia, ao contrário, com a investigação concluída, dentro dos moldes projetados para tal, constatou-se, para além do já explicitado, que a episteme moralista, ao perecer estar em vigor, formata o discurso social, suas convergências, porém é a episteme relativista a responsável por dar o tom coevo dos sentidos e, por conseguinte, dos paradigmas atuais. Quem assiste ao momento no qual Máscara da Morte é interpelado por mestre Ancião e ratifica a fala desse último, muito provavelmente faria o que disse o primeiro se tivesse a oportunidade, não por iniquidade, mas, depois de ver como a sociedade é diferentemente de como é representada, por astúcia.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANGENOT, Marc. **El discurso social**: Los límites históricos de lo pensable y lo dicible. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

CAETANO, É. "Mangá". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/o-que-e-manga.htm>. Acesso em 11 de jun. de 2024.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KREMER-MARIETTI, Angèle. **Introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Trad. César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO. **Criação de Masami Kurumada**. Japão: TV Asahi, 1986, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Manchete em 1994.

PLUCKROSE, Helen; LINDSAY, James. **Teorias cínicas**. Trad. Carlos Szlak, São Paulo: Faro editorial, 2021.

ROWLANDS, Mark. **Tudo o que sei aprendi com a TV**: a filosofia nos seriados de TV. Trad. Elvira Serapicos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

SAILOR MOON. **Criação de Naojo Takeuchi**. Japão: TV Asahi, 1992, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Manchete em 1994.

SOARES, Thiago Barbosa. Grande mídia uma espiral: entreter, informar e influenciar na composição do sucesso e suas vozes. In: SOARES, Thiago Barbosa. **Percursos discursivos**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Os limites da interpretação: uma reflexão sobre os usos da noção de discurso. **Revista Ratio Integralis**, Campanha, v. 3, n. 2, p. 175 - 184, jul./dez. 2023a. Disponível em: [https://www.seminariosenhoradasdores.com.br/files/ugd/5865b1\\_3fac2f34fd0c4d04a6e5e372c73ce34a.pdf](https://www.seminariosenhoradasdores.com.br/files/ugd/5865b1_3fac2f34fd0c4d04a6e5e372c73ce34a.pdf). Acesso em: 8 jun. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. Primeira revisão da Semiótica Arquetípica: aspectos teóricos e metodológicos. **Acta Semiótica et Lingvistica**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 77-95, 2023b. DOI: 10.20873/actasemiticaetlingvistica.v29i3.18033. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/actas/article/view/18033>. Acesso em: 10 jun. 2024.



SOARES, Thiago Barbosa. Mídia e letramento: articulações de saberes (re)produzidos em filme e séries. **Muitas Vozes**, [S. l.], v. 13, 2024, no prelo.

TOSE, Justin; WARMKE, Brandon. **Virtuosismo moral**: grandstanding. Trad. Fábio Alberti. Barueri, SP: Faro editorial, 2021.

YU YU HAKUSHO. **Criação de Yoshihiro Togashi**. Japão: Fuji TV, 1992-1994, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Manchete em 1997.

*Recebido: 14 de junho de 2024*

*Aceito: 03 de agosto de 2024*

*Publicado: 17 de novembro de 2024*

